

XI JORNADA DE NUTRIÇÃO  
CURSO DE NUTRIÇÃO UNIFAMETRO

CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO CORPO GORDO COMO  
OBJETO DE PATOLOGIZAÇÃO E ESTIGMA: UMA REVISÃO  
INTEGRATIVA

MEYSSA PEREIRA OLIVEIRA<sup>1</sup>; TERESA LARISSA FURTADO MARTINS<sup>2</sup>;  
NATÁLIA RIBEIRO LEMOS DOS SANTOS<sup>3</sup>; MARIA VALÉRIA CORREIA LIMA<sup>4</sup>;  
DANIELA VIEIRA DE SOUZA<sup>5</sup>.

<sup>1</sup>Centro Universitário Fametro – Unifametro; [meysa.oliveira@aluno.unifametro.edu.br](mailto:meysa.oliveira@aluno.unifametro.edu.br);

<sup>2</sup>Centro Universitário Fametro – Unifametro; [teresa.martins@aluno.unifametro.edu.br](mailto:teresa.martins@aluno.unifametro.edu.br);

<sup>3</sup>Centro Universitário Fametro – Unifametro; [natalia.santos02@aluno.unifametro.edu.br](mailto:natalia.santos02@aluno.unifametro.edu.br);

<sup>4</sup>Centro Universitário Fametro – Unifametro; [maria.lima29@aluno.unifametro.edu.br](mailto:maria.lima29@aluno.unifametro.edu.br);

<sup>5</sup>Centro Universitário Fametro – Unifametro; [daniela.vieira@professor.unifametro.edu.br](mailto:daniela.vieira@professor.unifametro.edu.br).

Área Temática: NUTRIÇÃO CLÍNICA

RESUMO

**Introdução:** A percepção do corpo gordo variou influenciada pelo contexto sociocultural. A patologização da gordura se intensificou no século XX, quando o combate à obesidade se tornou uma prioridade em políticas de saúde pública. No entanto, o debate atual envolve também o estigma corporal e a necessidade de abordagens diagnósticas mais humanizadas. **Objetivo:** Identificar como a gordura foi historicamente transformada em indicador de saúde. **Métodos:** Realizou-se uma revisão integrativa da literatura com base na pesquisa de artigos publicados nos últimos cinco anos nas bases de dados Periódicos CAPES, PubMed Central, LILACS e SciELO, utilizando os (DeCS) “Weight Prejudice”, “Body Weight”, “Medicine”, “Epidemiology”, “Public Health”, “Obesity”, “Medicalization” e “Social determinants of health”. **Resultados:** Foram analisados 4 estudos com metodologias e amostras variadas. Os resultados indicam que, a obesidade, embora rotulada como doença, não diminui o preconceito, mas a associação a fatores genéticos pode reduzir a culpabilização individual. Estratégias como contato direto e narrativa médica mostraram eficácia na redução do preconceito entre profissionais de saúde. **Conclusão/Considerações finais:** A revisão mostrou que a gordura foi historicamente patologizada e transformada em um marcador de saúde, reforçando estigmas e exclusão social. Destaca-se a necessidade de abordagens inclusivas, além de políticas públicas que desconstruam a visão pesocêntrica e considerem a diversidade corporal e os determinantes sociais de saúde.

**Palavras-chave:** Obesidade; Patologização; Gordura; Estigma.

INTRODUÇÃO

A obesidade é, atualmente, considerada uma doença crônica caracterizada pelo acúmulo excessivo de gordura corporal, que pode causar sérios prejuízos à saúde (OMS, 2022). Trata-se de uma condição multifatorial, que envolve o balanço energético, fatores biológicos, hábitos alimentares, níveis de atividade física, aspectos psicológicos, contextos sociais e ambientes alimentares (Popkin; Corvalan; Grummer-Strawn, 2020; FAO, 2018).

## **XI JORNADA DE NUTRIÇÃO**

### **CURSO DE NUTRIÇÃO UNIFAMETRO**

Ao longo da história, a percepção da gordura corporal variou conforme o contexto sociocultural. No período Renascentista, o corpo gordo era associado a reserva para a sobrevivência, riqueza e distinção social, refletindo acesso a recursos e alimentos, e “a preocupação com a falta de alimentos superava qualquer necessidade de emagrecer” (Sant’Anna, 2016, p. 12).

Com os avanços da medicina, a gordura corporal passou a ser vista como um marcador de risco para diversas doenças crônicas não transmissíveis. Seu processo de patologização, se intensificou nos anos 1980, quando a obesidade começou a ganhar destaque na agenda pública internacional como questão de saúde pública (Paim e Kovalski, 2020). O organismo, antes comparado a um "corpo-armazém, devoto a estocar gordura para épocas de penúria", passou a ser idealizado como um corpo magro e energético, mais adequado ao novo modelo de saúde e desempenho (Sant’Anna, 2016, p. 41).

O Índice de Massa Corporal (IMC), desenvolvido desde 1832, tornou-se amplamente utilizado para diagnosticar a obesidade, mesmo apresentando limitações, como a incapacidade de distinguir a composição corporal e avaliar a distribuição de gordura. Recentemente, um estudo publicado na *The Lancet* propôs uma nova abordagem diagnóstica, diferenciando obesidade clínica e pré-clínica, e incorporando critérios antropométricos adicionais ao IMC (Rubino *et al.*, 2025). Nesse contexto, o debate também incluiu o estigma corporal e a necessidade de diagnósticos mais humanizados.

O estigma do peso refere-se à desvalorização e difamação social dos indivíduos devido ao seu excesso de peso corporal, levando a atitudes negativas, estereótipos, preconceito e discriminação (Fulton, Danana e Srinivasan, 2023). Segundo Goffman (1988), o estigma é uma “marca” ou “atributo” usado para discriminar e excluir indivíduos cujas características são vistas como inadequadas pela sociedade. De acordo com Taroze e Pessa (2020), pessoas com obesidade enfrentam discriminação no trabalho. No ambiente educacional, sofrem estigmatização. Além disso, a mídia reforça estereótipos, associando características positivas e papéis importantes a pessoas magras, enquanto as com obesidade são frequentemente retratadas negativamente, evidenciando a aceitação social do estigma relacionado ao peso.

Posto isto, esta revisão teve como objetivo sintetizar a origem da patologização da gordura corporal e sua relação com a saúde, buscando compreender como essa construção social e biomédica moldou a visão sobre a obesidade resultando no estigma do peso.

**XI JORNADA DE NUTRIÇÃO**  
**CURSO DE NUTRIÇÃO UNIFAMETRO**

## **METODOLOGIA**

A pesquisa consistiu em uma revisão integrativa, desenvolvida a partir da pergunta norteadora: “Como a gordura foi patologizada, transformada em um indicador de saúde que resultou no estigma da obesidade?”. A busca foi realizada na literatura dos últimos cinco anos nas bases de dados Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (Periódicos CAPES), PubMed Central (PMC), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Scientific Electronic Library Online (SciELO) em março de 2025. Os estudos foram obtidos a partir do cruzamento dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): “Weight Prejudice”, “Body Weight”, “Medicine”, “Epidemiology”, “Public Health”, “Obesity”, “Medicalization” e “Social determinants of health” com os operadores booleanos “AND” e “OR”. Foram adotados os seguintes critérios de inclusão: artigos gratuitos publicados em português, inglês e espanhol, que investigaram como a gordura foi patologizada, motivando o estigma do peso em todas as faixas etárias e sexos. Foram excluídos estudos de revisão de literatura, teses, meta-análise, periódicos repetidos, dissertações, relatos de casos, estudos com animais ou *in vitro*.

Na triagem inicial, foram identificados 5.411 estudos. Após a aplicação dos filtros, restaram 1.085. A partir da leitura dos títulos, 31 artigos foram selecionados, e, posteriormente à leitura dos resumos, esse número foi reduzido para 14. Por fim, após a leitura completa dos textos, 4 estudos foram incluídos na amostra.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Das 4 pesquisas selecionadas, observou-se que o número de indivíduos participantes variou de 3 a 2.524, e um estudo utilizou publicações de uma rede social como objeto de investigação. A faixa etária dos sujeitos variou 14 a mais de 65 anos. Apenas um estudo especificou o sexo dos participantes, totalizando 1.145 homens e 1.379 mulheres.

O trabalho conduzido por Rathbone *et al.* (2022), realizado na Austrália e no Reino Unido, investigou as consequências da classificação da obesidade como doença sobre o preconceito de peso entre profissionais de saúde. O experimento randomizado com 365 participantes, dividiu os profissionais em dois grupos: um exposto à concepção da obesidade como doença e outro à ideia de obesidade como uma condição não médica. Após a leitura dos textos, os participantes avaliaram um cenário clínico simulado. O enquadramento da obesidade

**XI JORNADA DE NUTRIÇÃO**  
**CURSO DE NUTRIÇÃO UNIFAMETRO**

como doença aumentou a crença em causas biogenéticas e reduziu a culpa atribuída ao paciente, levando os profissionais a focarem mais nas queixas do que no peso. Já tratá-la como marcador direto de saúde intensificou o estigma e as condutas voltadas ao emagrecimento.

De forma semelhante, o estudo de Hilbert *et al.* (2021), conduzido com 2.524 alemães, teve como objetivo examinar a aceitação pública da obesidade como doença ou deficiência e sua relação com o estigma do peso por meio da subescala "Weight Control/Blame" do Antifat Attitudes Test. Os resultados mostraram que a obesidade foi mais aceita como doença do que como deficiência. Além disso, a atribuição da condição a causas genéticas esteve associada à redução do estigma, enquanto sua associação com deficiências mentais ou intelectuais intensificou o preconceito. O estudo também demonstrou que, ao ser enquadrada como falha pessoal, a obesidade gerou maior rejeição social.

Ambos os estudos contribuem diretamente para a compreensão de como a gordura foi historicamente patologizada e transformada em marcador de saúde. As evidências mostram que o discurso biomédico, ao enquadrar o corpo gordo como problema clínico a ser corrigido, reforça sua associação automática ao risco, ao desvio e à doença. A forma como a obesidade é nomeada como falha moral, deficiência ou doença genética molda tanto a resposta dos profissionais quanto a percepção pública, consolidando o peso como parâmetro central da saúde, mesmo quando descontextualizado de indicadores clínicos reais (Hilbert *et al.*, 2021; Rathbone *et al.*, 2022; Stefánsdóttir, 2020).

O estudo de Fox *et al.* (2021), realizado nos Estados Unidos, propôs uma intervenção com medicina narrativa para combater a patologização da gordura, reunindo estudantes de medicina e ativistas gordos em oficinas com leitura, escrita e troca de experiências. Os resultados indicaram que, ao entrarem em contato direto com as vivências das pessoas gordas, os estudantes passaram a refletir criticamente sobre as causas e consequências do preconceito de peso. Um dos participantes chegou a questionar a patologização da gordura, enquanto os demais reconheceram como essa lógica pode prejudicar o acesso das pessoas gordas a um cuidado de saúde digno. A escuta ativa e o reconhecimento das histórias de vida dos pacientes demonstraram ser estratégias eficazes para desconstruir a visão patologizante e promover vínculos terapêuticos mais empáticos.

De forma complementar, o estudo de Flauzino *et al.* (2023), realizado no Brasil, avaliou como a representação do corpo gordo nas redes sociais contribui para o reforço do viés

**XI JORNADA DE NUTRIÇÃO  
CURSO DE NUTRIÇÃO UNIFAMETRO**

de peso. Os autores analisaram imagens publicadas no Instagram por instituições nacionais reconhecidas pela Agência Nacional de Saúde Suplementar, como Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica (ABESO), a Associação Brasileira de Nutrição (ASBRAN), o Conselho Federal de Nutricionistas (CFN) e o Ministério da Saúde (MS). Os resultados mostraram que 76,4% das representações de corpos gordos apresentavam viés negativo, com maior frequência de imagens sem cabeça, com roupas apertadas, expressão triste e hábitos sedentários, enquanto os corpos magros apareciam majoritariamente associados à saúde, alegria e alimentação nutritiva. Essa construção imagética reforça a ideia de que a gordura é sinônimo de doença e negligência, ao passo que a magreza é projetada como padrão ideal de saúde, contribuindo para a manutenção da normatização biomédica dos corpos (Flauzino *et al.*, 2023).

Esses achados dialogam com outros estudos que ampliam a crítica à patologização da gordura. Stefánsdóttir (2020) aponta os dilemas éticos da medicalização da obesidade e denuncia a invisibilização da experiência das pessoas gordas tanto na ciência quanto na clínica. Crimer, Camoirano e Lo Sasso (2023) questionam o paradigma pesocêntrico como critério clínico, alertando que esse foco compromete a escuta e o cuidado integral. Peresini e Hunziker (2021), a partir da epidemiologia crítica, reforçam que a obesidade deve ser entendida no contexto de uma sindemia global que envolve desigualdade social, alimentação ultraprocessada e medicalização da vida. Em convergência com essas críticas, Rubino *et al.* (2025) argumentam que nem todo excesso de gordura representa, por si só, um risco à saúde, rompendo com a associação automática entre IMC elevado e doença.

Dessa forma, esta revisão corrobora que a medicalização do peso é um processo histórico e sociocultural, sustentado por discursos biomédicos que transformaram o corpo magro no padrão ideal de saúde. Como já observava Sant'Anna (2016), a relação com o corpo passou por uma mudança significativa: antes visto como um “armazém prudente”, foi contemplado como leve, magro e funcional, adequado a um modelo de saúde associado ao desempenho e à produtividade. A gordura, previamente símbolo de reserva e segurança, passou a ser interpretada como descontrole, excesso e risco.

Essa visão se reflete hodiernamente em diretrizes oficiais, como as da Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e Síndrome Metabólica, que afirmam que a obesidade “tende a encurtar a vida, abrindo caminho para perigosas enfermidades” (ABESO, 2016, p. 22)

## **XI JORNADA DE NUTRIÇÃO**

### **CURSO DE NUTRIÇÃO UNIFAMETRO**

e que “a corpulência não é apenas uma enfermidade em si, mas o prenúncio de outras. A morte súbita é mais comum naqueles que são naturalmente gordos do que nos magros” (ABESO, 2016, p. 10). Essas declarações reforçam a ideia de que corpos gordos são, por definição, doentes ou em constante perigo. Assim, o peso passou a ser incorporado à identidade pessoal, tornando-se uma métrica determinante da trajetória individual — ou, a “linha da cintura passou a equivaler à linha da vida” (Sant’Anna, 2016, p. 70).

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS/CONCLUSÃO**

A patologização da gordura se intensificou no século XX, alimentando estigmas e mecanismos de exclusão social. A pesquisa revelou que, apesar das mudanças na percepção do corpo gordo ao longo do tempo — que antigamente era associado a reserva energética, a riqueza e ao status social — a gordura ainda é vista, atualmente, como um marcador de saúde.

Apesar da diversidade metodológica dificultar comparações diretas, os resultados indicam que, em ambientes sociais e digitais, essa associação persiste, reforçando a lógica que vincula a gordura à doença e valor moral.

Portanto, é necessário repensar os critérios atuais de saúde, questionando práticas que reforcem violências sob a justificativa do cuidado, e adotar abordagens diagnósticas mais inclusivas que contestem a visão pesocêntrica.

### **REFERÊNCIAS**

ABESO. Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica. **Diretrizes brasileiras de obesidade**: 2016. São Paulo, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2T5FIbn>. Acesso em: 19 mar. 2025.

CRIMER, N.; CAMOIRANO, J.; LO SASSO, A. Obesidad: alternativas al paradigma pesocéntrico y patologizante. Primera entrega. **Evidencia actualizacion en la practica ambulatoria**, Argentina, v. 26, n. 3, e007088, set. 2023.

FAO. **Food And Agriculture Organization Of The United Nations**. The state of food security and nutrition in the world 2018: building climate resilience for food security and nutrition. 2018.

FLAUZINO, P. A; FREIRE, Y. A; MONTEIRO, I. R. M; SOARES, S. C. M. R; CARIOCA, A. A. F. Prejudice associated with weight images in health communication in the social networks. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 36, e210220, out. 2023.



**XI JORNADA DE NUTRIÇÃO**  
**CURSO DE NUTRIÇÃO UNIFAMETRO**

FOX, R.; KELLY, P.; HILDEBRAND-CHUPP, R.; VO, A. T. Working toward eradicating weight stigma by combating pathologization: A qualitative pilot study using direct contact and narrative medicine. **Journal of Applied Social Psychology**, Califórnia, v. 53, n. 3, p. 171-184, mar. 2021.

FULTON, M.; DADANA, S.; SRINIVASAN, V. N. **Obesity, Stigma, and Discrimination**. Ilha do Tesouro: StatPearls Publishing. 2023. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK554571/>. Acesso em: 9 abr. 2025.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

HILBERT, A.; ZENGER, M.; LUCK-SIKORSKI, C.; BRÄHLER, E. Weight stigma and disease and disability concepts of obesity: A survey of the German population. **Obesity Facts**, Alemanha, v. 14, n. 5, p. 463–470, ago. 2021.

PAIM, M. B.; KOVALESKI, D. F. Análise das diretrizes brasileiras de obesidade: patologização do corpo gordo, abordagem focada na perda de peso e gordofobia. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 29, n. 1, e190227, mar. 2020.

PERESINI, V.; HUNZIKER, C. I. Obesidad, una mirada desde la epidemiología crítica. **Archivos de medicina familiar y general (En línea)**, Argentina, v. 18, n. 1, p. 21–29, mar. 2021.

POPKIN, B. M.; CORVALAN, C.; GRUMMER-STRAWN, L. M. Dynamics of the double burden of malnutrition and the changing nutrition reality. **The Lancet**, Reino Unido, v. 395, n. 10217, p. 65-74, dez. 2020.

RATHBONE, J. A.; CRUWYS, T.; JETTEN, J.; BANAS, K.; SMYTH, L.; MURRAY, K. How conceptualizing obesity as a disease affects beliefs about weight, and associated weight stigma and clinical decision-making in health care. **British Journal of Health Psychology**, Reino Unido, v. 28, n. 2, p. 291-305, set. 2022.

RUBINO, F. *et al.* Definition and diagnostic criteria of clinical obesity. **Lancet Diabetes Endocrinol**, Reino Unido, v. 13, n. 3, p. 221-262, fev. 2025.

SANT'ANNA, D. **Gordos, magros e obesos: uma história do peso no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2016.

STEFÁNSDÓTTIR, Á. Three positions on the fat body: Evaluating the ethical shortcomings of the obesity discourse. **Clinical Ethics**, Estados Unidos, v. 15, n. 1, p. 39–48, jan. 2020.

TAROZO, M.; PESSA, R. P. Impacto das Consequências Psicossociais do Estigma do Peso no Tratamento da Obesidade: uma Revisão Integrativa da Literatura. **Psicologia: Ciência e Profissão**, São Paulo, v. 40, e190910, p. 1-16, nov. 2020.